

Cadernos de História
Memorial RGS
Voltaire Schilling

D. Quixote, o melhor livro do mundo



Governo do Estado do RGS – Germano Rigotto
Secretaria Estadual da Cultura – Roque Jacoby
Memorial do Rio Grande do Sul – Luiz Alberto Gusmão

Introdução

Registrando a passagem dos 400 anos da primeira edição do imortal “*Don Quijote de La Mancha*”, editado por Miguel de Cervantes, em janeiro de 1605, o Memorial do RGS decidiu lançar uma edição especial do seu Caderno de História voltada para celebrar o acontecimento. Trata-se de uma seleção de textos informativos e críticos sobre a vida de Cervantes e seu extraordinário personagem, o pobre fidalgo Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, acompanhada ao fim por uma bibliografia sumária sobre o tema.

Parábola de Cervantes e de Quixote

Cansado da sua terra de Espanha, um velho soldado do rei buscou consolo nas vastas geografias de Ariosto, naquele vale de uma lua onde está o tempo que malgasta os sonhos e no ídolo de ouro de Maomé roubado por Montalban. Num manso deboche de si mesmo idealizou um homem crédulo que, perturbado pela leitura de maravilhas, deu em buscar proezas e encantamentos em lugares prosaicos que se chamavam El Toboso ou Montiel.

Vencido pela realidade, pela Espanha, Dom Quixote morre na sua aldeia natal em 1614. Pouco tempo Cervantes o sobreviveu. Para os dois, para o sonhador e o sonhado, toda esta trama foi a oposição de dois mundos: o mundo irreal dos livros de cavalaria, e o mundo cotidiano e comum do século XVII.

Não suspeitaram que os anos acabariam por limar a discórdia, não suspeitaram que a Mancha e Montiel e a magra figura do cavaleiro seriam, para o futuro, não menos poéticas que as etapas de Simbad ou que as vastas geografias de Ariosto.

Porque no princípio da literatura está o mito, assim como no fim (J. L. Borges, “Obras Completas” – vol.II).

I - O Século de Ouro da Espanha

É consenso entre os historiadores e a gente culta em geral que o século 16 foi o Século de Ouro da Espanha. Não só em razão das sensacionais descobertas náuticas feitas pelos seus marinheiros da Andaluzia e da Galícia, ou de capitães-do-mar que se colocaram ao serviço da coroa castelhana, como também pelo esplendor do poder dos seus monarcas e seus artistas. Foi o

século em que viveram Carlos V, Filipe II, El Greco e Miguel de Cervantes. Para muitos espanhóis toda a história posterior do país resumiu-se num registro da decadência, de como a Espanha e os espanhóis, desapontados, jamais poderiam reviver aquilo que fora de ouro e que agora lhes cabia as durezas da Idade do Ferro.

A esplêndida herança de Filipe II

Poucos príncipes europeus daqueles tempos do Renascimento poderiam exhibir o patrimônio que Filipe II herdara do seu pai, o imperador Carlos V, o Carlos de Gantes. Na verdade, nenhum deles poderia gabar-se de um legado igual. Aos 55 anos de idade, sentindo-se enfraquecido e cansado de uma vida inteira percorrendo países em viagens ou navegando em oceanos e mares atrás de batalhas, o imperador Carlos, do Sacro Império Romano-Germano, que por 40 anos movera-se como se fosse um cigano, sem lar nem pátria, decidira dividir seus domínios e retirar-se para um mosteiro em Yunes na Espanha.

Para o seu irmão Fernando, legou o título de imperador do Sacro Império Romano-Germano e as terras da Áustria, para o seu filho Filipe II entregou o reino da Espanha, os Países Baixos e todas as terras do Novo Mundo. Foram milhões de quilômetros quadrados, ocupados por centenas de cidades e milhares de aldeias, povoados por um número incalculável de gente de todas as raças e diversas religiões que ficaram sob administração do jovem príncipe, sim, porque Filipe já governava a Espanha pelo menos desde os 16 anos de idade.

Ainda em 1580, alegando direitos dinásticos, ele estendeu seu domínio sobre Portugal, cujo rei, o jovem D. Sebastião, morrera sem herdeiros, fazendo com que assim a península Ibérica tivesse por fim um só soberano, como o fora no tempo dos imperadores romanos, quando a Ibéria, quase que por inteira, era obediente ao César de Roma.



Carlos V e Filipe II, os Áustrias.

Os grandes problemas do reino

Herdou do pai as possessões, que eram imensas, mas também seus problemas, por igual, gigantescos. No Novo Mundo, os conquistadores espanhóis espalhavam-se desde a bacia do Mississipi, no norte, até quase a Araucária, bem ao sul. Englobaram ao império dos Áustrias, como os espanhóis chamavam a dinastia que os governava, milhões de indígenas que pertenciam a múltiplas nações (astecas, mexicas, maias, incas, guaranis, etc...), a quem moviam guerra ao tempo em que, alternando a espada com o catecismo, os atraíam para a conversão ao cristianismo. Era o fronte pagão da Espanha católica.

Na Europa, Filipe II teve que enfrentar os progressos da Reforma Protestante que havia convertido grande parte dos seus súditos ao norte dos Países Baixos, na Holanda de hoje. Carlos V, seu pai, não conseguira reverter em Worms, em 1520, o furor teológico anticatólico desencadeado pelo monge Lutero, o que resultou nas insurgências religiosas da Europa setentrional. Abraçando a causa da Contra-Reforma, Filipe tornou-se o guardião da Igreja Católica, o condestável do papado, “a espada de Deus” erguida contra a heresia.

A tentativa de disciplinar seus súditos dos Países Baixos, aplicando-lhes os rigores do Tribunal do Santo Ofício, isto é, da Inquisição, somada ao aumento dos impostos, provocaram a rebelião nacional dos holandeses, convertidos em grande parte ao calvinismo e ao anabatismo, contra a presença espanhola. O resultado da repressão desencadeada pelo Duque de Alba, durante os anos de 1567 a 1574, fazendo uso do Tribunal do Sangue, foi apenas ter acelerado a separação da Bélgica (que permaneceu católica e fiel à monarquia) e a Holanda (protestante e democrática), oficializada em 1579.

Outro desafio que Filipe herdou foi o enfrentamento contra os turcos otomanos, de longe a maior ameaça que pairava sobre o mundo cristão. Potência no Mediterrâneo Oriental desde que Constantinopla fora conquistada no século 15, o império do sultão procurava expandir-se pelo restante da bacia mediterrânea, pondo em perigo as terras cristãs. Desta feita, a gente da Cruz saiu-se vitoriosa frente aos seguidores do Profeta, visto que na batalha de Lepanto, a esquadra hispano-papal comandada por João da Áustria, irmão de Filipe, impôs uma histórica derrota a esquadra turca num golfo grego, no ano de 1571.

Um reino em guerra

Por conseguinte, o reino da Espanha estava em guerra permanente: os conquistadores, com seus arcabuzes, cavalos e seus cães labregos, lá do outro lado do Mar Oceano, nas terras da América, submetiam os indígenas pagãos; os soldados-apóstolos do Duque de Alba, por sua vez, tentavam estancar a heresia na Holanda, enquanto que no Mediterrâneo os marinheiros tornavam-se cruzados lutando contra os infiéis que seguiam a bandeira do Crescente.

Daí entender-se o porquê do sucesso da literatura de cavalaria, o motivo de os espanhóis serem fascinados pelos relatos fantásticos dos feitos de Amadis de Gaula, de Rolando, ou de qualquer outro personagem daqueles célebres romances medievais que tanto Cervantes logo iria fazer mofa. Meter-se em aventuras, conquistar um nome, assombrar as gentes com feitos impensáveis, tornar-se um herói, passou a ocupar o imaginário deles todos, inclusive do rei Filipe II, que também era admirador de tal literatura de gesta.

Os três monumentos do Século de Ouro



Santo Inácio de Loyola

Dos três monumentos mais evidentes que nos restaram daquela época, do Século de Ouro da Espanha, o primeiro deles foi um monumento religioso-corporativo: a Ordem de Jesus Cristo, a Companhia de Jesus. Fundada em Paris, em 1534, por Inácio de Loyola, um nobre basco que, quando se recuperara de um gravíssimo ferimento que sofreu na batalha de Pamplona de 1516, teve uma súbita conversão a um catolicismo fervoroso. A Companhia de Jesus aspirou unir a disciplina dos militares e o fanatismo sagrado dos monges sob a bandeira da Cruz para poder melhor combater a heresia e os infiéis assim como converter os pagãos em todas as latitudes da Terra. Havia de dotar o cristianismo ameaçado, empenhou-se ele, de uma coluna vertebral inquebrantável, tornar os seus seguidores na espada da milícia de Cristo diretamente ligada ao papa.

Ainda que bem poucos numa Espanha de muitos padres, - os jesuítas uniformizados com a roupeta negra mal perfaziam mil em meio a uma corporação de mais de 70 mil sacerdotes e freiras daquele século - eles conseguiram logo se impor simultaneamente como educadores das elites e extraordinários amansadores de índios no Novo Mundo, onde estenderam, entre 1540 a 1740, uma vasta rede de reduções e missões que iam da Califórnia, na América do Norte, à Grande Guaíra, no coração da América do Sul.

Graças ao espírito tenaz deles, treinados que eram nos Exercícios Espirituais, o manual de ascese de Inácio de Loyola, e o forte embasamento cultural e senso prático que possuíam, ocuparam posições estratégicas nos aparelhos de estado das monarquias absolutistas católicas. Muitos deles formados no Colégio Romano ou no Colégio Germânico, ambos fundados por Loyola em Roma, ascendidos a confessores de suas altezas, logo viraram peças-chave nos jogos de poder da Espanha e de Portugal. Não demorou para que, com o seguir dos séculos, se tornassem um estado dentro do estado.

O outro monumento, este sim um edifício arquitetônico de grande porte, foi o *Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial*, o palácio-mosteiro de São Lourenço do Escorial, mandado erguer por Filipe II, a partir de 1562, nas proximidades de Madri. Ergueram-no na Sierra de Guadarrama, na altitude de 1055 metros, distante 49 km da capital, por obra do arquiteto Juan de Herrera auxiliado por um verdadeiro exército de operários, carpinteiros e artesãos vindos de vários locais da península.



El Escorial

A construção, uma antecipação do palácio de Versalhes de Luís XIV, financiada largamente pelo ouro e a prata das Américas, estendeu-se por quase um quarto de século até que finalmente aprontaram-na em 1586, tornando-se então a sede da monarquia espanhola. Os soberanos da Espanha que não tinham uma residência fixa, ocupando por vezes os palácios de *Valladolid* (a maior cidade de Castela então, com 38 mil habitantes), ora os de Madri, tornada capital oficial em 1560, fizeram do *El Escorial* o centro do seu domínio imperial, domínio que se estendia por muitos oceanos e continentes.

A intenção inicial era fazer dele um mausoléu erguido por um filho agradecido ao poderoso pai falecido. Os restos mortais de Carlos V, afinal ele fora o imperador do mundo, não podiam descansar num local modesto como sob o altar mor da Igreja do Mosteiro de Yuste, para onde ele se retirara um pouco antes de morrer, em 1558.

Todavia, Filipe II acrescentou-lhe um edifício para abrigar uns 300 monges, além de incorporar toda a burocracia real e a gente da corte na parte palaciana propriamente dita. A simbiose entre o mosteiro e a sede real foi simbólica e intencional: a monarquia fundia-se inteiramente com o catolicismo. O rei era o protetor da Espanha e o defensor da fé. Enquanto o Santo Ofício mantinha a heresia interna sob o garrote, o rei erguia sua lança para combater os desvios da fé ao redor do mundo.

Dotou, ainda, o Escorial, de uma preciosa biblioteca de 4 mil volumes raros e de valiosa coleção de pintura composta pelos mestres italianos e espanhóis (Ticiano, Tintoretto, Veronesi, Ribera e Zurbarán, entre outros tantos). Naquela época, o conjunto de edifícios e torres altas que formavam a maravilhosa construção destacava-se na paisagem agreste da Sierra de Guadarrama, sendo o Escorial com toda justiça chamado pelos espanhóis como a “oitava maravilha do mundo”.

Por último, como terceiro monumento, este literário, destacou-se o *Don Quijote de La Mancha*, o livro de Miguel de Cervantes, aparecido em janeiro de 1605, talvez um dos maiores sucessos da ficção ocidental em todos os tempos. Todavia, para melhor perceber-se a dimensão da obra cervantina, contemporânea com o que de melhor a língua castelhana produziu naqueles tempos, é preciso fazer uma pequena digressão sobre a história do idioma espanhol.

O castelhano como idioma oficial

Tal como o catalão ou o galego, o castelhano foi um dos tantos legados culturais deixados pela ocupação romana da península Ibérica, derivado do latim vulgar falado pelos legionários de Cipião e de César Augusto. Tornou-se o idioma dos espanhóis por razões geográficas e políticas. A meseta castelhana, situada estrategicamente no centro da península Ibérica, fora a base final da Reconquista, isto é, da política de expansão dos príncipes cristãos no sentido de pôr fim ao domínio que os mouros exerciam sobre a Espanha, particularmente da sua parte sul. Como consequência disso, os reis de Castela (na etapa derradeira graças ao casamento de Isabel de Castela com Fernando de Aragão) encabeçaram o processo de unificação nacional que conduziu à vitória em Granada, em 1492, e ao fim da Al-Andaluz, isto é, do domínio mourisco.

Ciente desta sua posição, de ser a cabeça mais saliente e importante dos reinos da península, já nos tempos medievais o rei Afonso o Sábio havia tornado, desde 1260, o idioma castelhano na língua oficial do reino e não mais o latim. Situação que se viu reforçada pela obsessão da fidalguia castelhana com as questões de pureza de sangue (diziam-se “cristãos velhos” para distinguir-se dos conversos, os desprezados “cristãos novos”, judeus ou mouros que foram obrigados a mudar de fé para permanecer na Espanha), pois também insistiram em afirmar que o castelhano, ao contrário das outras falas e dialetos da Ibéria, era castiço, era puro, o menos contaminado pelos estrangeirismos, como era o caso do andaluz (pela presença árabe) ou do catalão (por sua proximidade com o francês).

O passo seguinte para fazer dele a escrita hegemônica da gente ibera foi a publicação da gramática de Antonio Nebrija, notável filólogo de Salamanca que editou a histórica obra no mesmo ano da descoberta do Novo Mundo, em 1492, dedicando-a à rainha Isabel, a católica. O intento dele era fazer com que os funcionários reais e os fidalgos redigissem as coisas de modo uniforme e não de acordo com a veneta de cada um, como até então era o costume. A oficialização do idioma no século 13 e as regras da gramática, estabelecidas no final do século 15, serviram como os pilares de onde a escrita castelhana

partiria para conquistar boa parte do mundo (hoje, o espanhol é o idioma neolatino mais falado no mundo ocidental).

Castela, deriva de castelo, de fortaleza, de construções de pedra, o idioma dos primeiros tempos era rude como os fidalgos e soldados da época da Reconquista, mas gradativamente foi sendo apurado e sofisticado por labor de uma série de poetas e grandes prosadores. Eles é que fizeram do castelhano, uma das tantas expressões vindas do Lácio, uma das mais belas línguas que se conhece e que atingiu seu apogeu no Século de Ouro (que, literariamente, estendeu-se por bem mais do que cem anos).

Iniciando-se com Garcilaso de La Vega, nascido no começo do século 16, em 1501, temos ainda no rol dos notáveis das letras hispânicas a presença de Luiz de Góngora (1561-1627), de Lope de Vega (1562-1635), de Francisco de Quevedo (1580-1645), de Tirso de Molina (1584-1648), de Pedro Calderón de La Barca (1600-1681), e, acima de todos eles, Miguel de Cervantes (1547-1616). Eles foram, de fato, os artistas-construtores do idioma, os ourives que transformaram a pedra bruta da antiga Castela na língua preciosa dos dias de hoje. Idioma esse que, mais tarde, irá ser enriquecido com os enxertos dos *criollos* hispano-americanos, para vir formar o espanhol dos nossos tempos.

Três personagens universais

No que toca à contribuição universal da ficção hispânica, destaca-se a invenção de três personagens surgidos no Século de Ouro que farão época. O primeiro deles é o pícaro, o vagabundo, o embusteiro que vive de expedientes sem precisar trabalhar, cujo modelo foi o *Lazarillo de Tormes*, obra publicada em 1554, de autor desconhecido. O segundo deles, e mais famoso, de alcance planetário, foi o fidalgo louco, o pobre idealista de Cervantes: o Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, que sai pelo mundo a dar combates aos moinhos de vento e que cavalga pelas estradas da vida, ao lado do seu escudeiro Sancho Pança, para endireitar as coisas do mundo, obra essa cujo primeiro volume apareceu em 1605. E, por fim, o insaciável conquistador de mulheres: *Don Juan*, produto da pena de Tirso de Molina, figura central do seu *El burlador de Sevilla*, aparecido em 1615, justamente no mesmo ano da edição da segunda parte do Dom Quixote de Cervantes. Todos os três projetaram a literatura da Espanha fazendo com que ela galgasse os foros da imortalidade.

II - Cervantes: o maneta de Lepanto



D. Quixote enfrentando o moinho

“Não estaria melhor estar-se manso e pacífico em sua casa, em vez de ir pelo mundo procurar pão fino, sem se lembrar de que muitos vão buscar lã e vêm tosquiados?”

Cervantes, *D. Quixote de la Mancha*, Livro I, cap. 7, ano de 1606.

As narrativas fantásticas

Mal o intrépido Amadis de Gaula entrara a trote na imaginária floresta de Angaduza, quando percebeu o retorno, esbaforido, do seu escudeiro, o anão Ardián. Implorava o pobrezinho por socorro, pois atrás dele, galopando com um espadão em riste, vinha um possesso, ameaçando decepar-lhe a cabeça. Não demorou para que Amadis e o desconhecido travassem um estridente duelo.

A luta só terminou com a chegada providencial de um outro cavaleiro, que, depois de degolar uma donzela malvada que, com olhar vingativo, assistia à refrega, os fez cair em si. Ela endemoniara um deles, o jovem Galaor, para que matasse o seu próprio irmão, o afamado Amadis de Gaula. Passado o efeito do feitiço, os irmãos se reconheceram e, abraçados, saíram para mil outras aventuras.

Essa era apenas uma das tantas narrativas de duelos malucos travados entre cavaleiros que se encontravam às pencas no livro intitulado *Amadis de Gaula*, de autoria anônima, editado em Saragoça em 1508, cuja leitura era a fonte de inspiração dos conquistadores espanhóis que sonhavam em reproduzir as façanhas relatadas contra os índios no Novo Mundo.

O basta de Cervantes

Para o até então desconhecido escritor Miguel de Cervantes, um castelhano de Alcalá de Henares, tais histórias mereciam um basta. Fartara-se daqueles relatos fantásticos em que um cavaleiro andante, num só golpe de espada, partia um gigante ao meio ou lutava sem esmorecimento contra cem ou duzentos outros. E o que dizer da sensaboria das inatingíveis donzelas ou damas, sempre recolhidas, vendo o mundo atrás de frestados, em permanente perigo, ameaçadas por *forçadores* e outros perversos, que os cavaleiros se esbaldavam em salvar ou pôr-se a serviço?

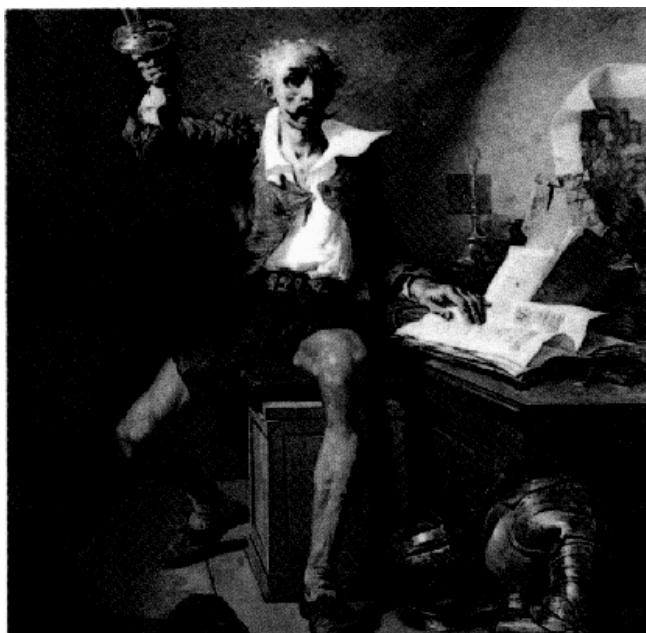
Para Cervantes não era bem aos cavaleiros que se deveria desencantar; nem aos bruxos, feiticeiros e nigromantes, seus pervertidos dons extirpar, mas sim ao próprio público leitor, bestializado por aqueles feitos malucos.

Quem era Cervantes

Qual seu arsenal para se atrever a tal desafio? Sabe-se pouco sobre Cervantes. Nascido em 9 de outubro de 1547, tentou alcançar a fama como soldado. E quase o conseguiu. Na infernal batalha naval de Lepanto, de 1571, quando a Cristandade, liderada por D.João D'Áustria, irmão de Filipe II, recuperou o controle sobre o Mediterrâneo, portou-se valentemente. Só que o tiro do arcabuz de um turco lhe secou a mão esquerda.

Na volta para casa infelicitou-se ainda ao passar, depois de capturado, cinco anos como escravo em Argel. O pai o resgatou por 500 escudos, em 1580. Pobre e anônimo, jogou-se às letras. Na sua tarefa desmitificadora, foi ajudado por dois acontecimentos colossais: a propagação da Contra-Reforma e a destruição da Invencível Armada em 1588. Doravante o mundo não seria só dos católicos e muito menos dos espanhóis. Calejado pela vida, desconfiado das certezas humanas, forrado em leituras mil, Cervantes foi à luta.

O nascimento de Dom Quixote



D.Quixote e suas leituras

Cervantes arquitetou, provavelmente numa prisão em Sevilha, ao redor do ano de 1600, em primorosa prosa, aquele que se tornou seu bravo agente para

desencantar os encantados: o ilustre fidalgo *Don Quijote de La Mancha*! Endoidecido pelas leituras dos intermináveis feitos dos cavaleiros andantes da literatura medieval, aquele pobre e provinciano cinquentão também se decidiu por se tornar um justiceiro errante, um peregrino da justiça, a fim de “endireitar os tortos e desfazer agravos e sem-razões”. Para tanto, desenferrou as armas e a armadura dos seus antepassados, às quais, no caminho para suas aventuras, acrescentou *o elmo de Mambrino* – uma bacia de barbeiro.

Como todo cavaleiro andante vivia montado e acompanhado. Batizou seu pangaré de *Rocinante*, e tomou por escudeiro um vizinho seu, o simplório Sancho Pança, um gorducho pobre como a terra árida de Castela. Os feitos que esperava realizar, ele os dedicou por antecipação à donzela Dulcinéia del Toboso, na verdade uma simples camponesa da região em que ele vivia, mas que na sua prodigiosa fantasia de doido era a mais digna das damas. Tudo tão irreal quanto o demais.

Dom Quixote saiu da Mancha por três vezes para, “coroadado pelo braço do seu valor”, conquistar o quimérico império de Trapisonada.

Nem um milímetro apressou nas suas insanas cavalgadas. Enfeitiçou, isso sim, com suas desastradas e hilariantes proezas, milhões de leitores pelo mundo todo, tornando-se o maior legado do humanismo espanhol em todos os tempos.

Cervantes, para afastar dos leitores da época as fantasiosas façanhas dos cavaleiros andantes, para destruir um mito, fez por criar um outro: o de um pobre justiceiro louco. Um desatinado carregado de boas intenções e de generosidade, que luta incansavelmente para corrigir as dores reais e imaginárias desse mundo. Isto é, nós mesmos.

III - Dom Quixote: o Melhor Livro do Mundo



Sancho Pança e Dom Quixote

Em princípios de maio de 2002, uma impressionante comissão de críticos literários de várias partes do mundo escolheu o livro “**Don Quijote de La Mancha**”, escrito por Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616), a partir de 1602, como a melhor obra de ficção de todos os tempos. Ao tempo em que narrava os feitos do Cavaleiro da Triste Figura em ritmo dos romances da cavalaria, Cervantes enfiado com o sucesso daquele tipo de gênero literário junto ao grande público, realizou uma das maiores sátiras aos preceitos que regiam as histórias fantasiosas daqueles heróis de fãncaria.

Agonia do cavaleiro da triste figura

“Todas as coisas humanas têm dois aspectos...para dizer a verdade todo este mundo não é senão uma sombra e uma aparência; mas esta grande e interminável comédia não pode representar-se de um outro modo. Tudo na vida é tão obscuro, tão diverso, tão oposto, que não podemos nos assegurar de nenhuma verdade.”

Erasmus – *Elogio da Loucura*, 1509.

No final de uma caçada às lebres, ele sentiu-se exausto. Pediu que o levassem ao leito. Dom Quixote, então no modesto catre, percebeu a presença da morte. Logo os amigos chamaram um médico que, pegando-lhe o pulso, recomendou com a rude franqueza da gente endurecida de Castela, que tratasse de salvar a alma, porque o corpo era de pouca valia. Então algo poderoso ocorreu. Aos brados o moribundo disse ter recuperado o juízo. Gritou a todos ali presentes que, por fim, livrara-se das desgraçadas leituras que fizera sobre os feitos dos cavaleiros. Disse abominar Amadis de Gaula, o espadachim de fantasia, obra de antigo escritor anônimo, que tanto o inspirara até há pouco. Acalmou-se. Esperou então, sereno, a morte para livrar-se daquelas assombrações da literatura que tanto infernizaram a sua vida.

Em tempos bem anteriores, ainda que magro de doer, dispunha de saúde suficiente para lançar-se pelo mundo afora. Até os cinquenta anos vivera com criada, sobrinha e um rapaz arrieiro, numa fazendola na província da Mancha, uma espécie de brejo-seco do Reino de Castela, na Espanha. Desocupado, empobrecido, passara os dias lendo os feitos dos heróis da cavalaria. Até que um dia, conta Cervantes, de tanta leitura, seus miolos tinham ressecado. Imitando então aquela brava gente que povoava os seus sonhos, largando para trás as coisas da sua fazendola, cismou em querer consertar as coisas tortas e desfazer os agravos do mundo. Mandou pôr uma sela em Rocinante, seu maltratado pangaré, calçou-se com as velhas armas dos seus antepassados, um

escudo, e saiu a trote atrás de feitos que lhe dessem renome. E como ele próprio esperava:

- Dichosa edad y siglo dichoso aquel adonde saldrán a luz las famosas hazañas mías, dignas de entallarse en bronces, esculpirse en mármoles y pintarse en tablas, para memoria en lo futuro.

(Feliz idade e feliz século aquele onde sairão à luz as minhas famosas façanhas, dignas de entalhar-se em bronzes, esculpidas em mármore e pintadas em telas para a memória do futuro).

(D. Quixote: II Capítulo)



O Cavaleiro da Triste Figura e Rocinante

Em aventuras mil

Aventuras e desassossegos de toda a ordem é o que não lhe faltaram em suas andanças pelos ermos de Castela e terras vizinhas. Além de fantasiar uma dama só sua, na verdade uma aldeã simplória a quem ele chamou de Dulcinéia del Toboso, teve a felicidade de encontrar, próximo do seu sítio, o gorducho Sancho Pança, um lavrador, logo promovido a escudeiro que, entre outras coisas, tentou inutilmente inculcar em Dom Quixote algum princípio de realidade que fosse. Sim, porque o nosso cavaleiro vivia oscilando entre perpetrar as loucuras desaforadas de Roldão ou mergulhar nas melancolias de Amadis, seus modelos. De longe ou de perto, o contraste espantoso entre o Cavaleiro da Triste Figura, como Dom Quixote mesmo se chamou, magro e alto, aprumado no seu pangaré, e o seu *valet*, o pequenino e roliço Sancho,

montando em seu burrico, incendiou a imaginação de todos. Um par que se tornou o símbolo da amizade e emblema do convívio da fantasia com a realidade.

Maldizia o tempo todo a época que lhe coubera viver. A pólvora e o chumbo, discursou ele, liquidaram com os cavaleiros. Um disparo de longe, arte de um covarde, destroçava a vida de um bravo. Surras “da fementida canalha”, também não lhe faltaram. Certa vez, em pleno campo, encontrando uma fila de bandidos atados, conduzidos pela polícia, resolveu espantar a lei. Engalfinhou-se com os guardas que fugiram espavoridos dos espadaços daquele doido e dos coices do pangaré que montava. Soltos, os fora-da-lei, além de surripiarem-lhe os pertences, aplicaram-lhe uma sova de dar dó. Comentário de Dom Quixote: “aos cavaleiros andantes não pertence averiguar se os afligidos, acorrentados e oprimidos... vão pelas estradas por suas culpas, ou por serem desgraçados... só lhe cabia ajudá-los como necessitados”. Nem na dor das imerecidas porretadas ele se emendava!

Estrutura e prosa da obra

Don Quijote de La Mancha, a maravilha literária de Cervantes, narrado na mais fina prosa popular castelhana, é composta de 126 capítulos de sabedoria, amizade, enternecimento, encantamentos, loucuras e divertimento, divididos em duas partes: a primeira surgida em 1605 e a outra em 1615. Monumento que Cervantes começou a erguer com pena e tinta, “no silêncio do esquecimento”, encarcerado em Sevilha, em 1602, por mesquinhas. Obra que mais de 100 críticos literários, vindos de todas as partes, recentemente reunidos, indicaram como o melhor livro do mundo.

Numa das suas digressões, Cervantes deu para comparar a vida de soldado, que ele foi, com a de escritor, que ele terminou sendo, concluindo que aquele ofício só lhe dera dor de cabeça, vigílias, vazios de fome e padecimentos mil. Todavia, ao contrário de Shakespeare, seu contemporâneo, era consciente de que criara uma obra-prima, algo verdadeiramente extraordinário. Enquanto isso, numa desconhecida aldeia da Mancha, o corpo do velho fidalgo maluco recebia as exéquias. Não se enganem, não o enterraram não. Basta a qualquer leitor abrir a primeira página do *Dom Quixote* para ver que, erguendo a espada, o soberbo doido está ali vivíssimo, pronto para sair a assombrar o gigante Briareu e pôr a correr as injustiças.



As confusões de Dom Quixote (gravura de William Hogarth)

IV - O Ano de Cervantes

“...que podia portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa?”

M. de Cervantes – D.Quixote de La Mancha, 1605.

Em algum momento não preciso do ano de 1604, um homem bastante envelhecido chegou a uma gráfica na rua Atocha, em Madri, com um alentado manuscrito em baixo do braço. Durante os anos anteriores, aproveitando-se de um inesperado e sofrido encarceramento em Sevilha, dedicara-se, apesar de maneta, a escrever uma enorme novela sobre um cavaleiro pancadão e o seu seguidor, um criado da pobre região da Mancha, na Velha Castela espanhola.

A vida de Miguel de Cervantes, então com 57 anos, tinha sido um transtorno só. Ainda que sobrevivente da batalha de Lepanto, quando D.João D'Áustria bateu as galeras turcas de Uluç Ali Paxá em formidável combate, travado em 1571, teve a desdita de ser capturado por piratas argelinos quando ele voltava para a Espanha. Mantiveram-no cativo por cinco anos em Argel sem que nenhuma autoridade na sua pátria ajudasse a família dele a pagar o resgate exigido. Poeta pobre, arranjam-lhe um emprego de arrecadador com a função de levantar recursos para abastecer a Invencível Armada, a poderosa

frota com que Felipe II, condestável da Contra-reforma católica, esperava conquistar a Inglaterra, fortaleza da heresia protestante, em 1587-8.

Deus, todavia, resolveu apoiar os súditos da rainha Isabel I, açoitando as naves espanholas com ondas e ventanias apavorantes. Dispersadas, dezenas delas foram a pique devido aos tiros precisos do almirante Francis Drake. Em pouco mais de uma semana de batalhas no mar, entre 21 a 29 de julho de 1588, dos 130 barcos invasores, restaram 65. Esta catástrofe nacional que enlutou Castela - a perda da metade da esquadra real e de milhares de marinheiros e oficiais - foi o pano de fundo histórico para o surgimento do impoluto e temerário cavaleiro doido D. Quixote de La Mancha, personagem central do livro cuja primeira edição saiu da prensa da rua Atocha em janeiro de 1605.

Estaria Cervantes acreditando, ainda que por caminho sinuoso, que a tragédia da Invencível Armada teria resultado de um ímpeto desatinado e insensato de um capitão-geral da Espanha? Bem que poderia haver na gente ibera, dormitando, uma espécie de impulso esquisito, fantasista e irrealista, que os fazia meter-se em aventuras malucas atrás de quimeras, dando cabeçadas em busca de glórias. Certamente era a sobrevivência do espírito da cavalaria andante, presente no alto consumo espanhol de livros celebrando os façanhudos, o culpado de tudo. Espírito este, diga-se, que já havia desaparecido no restante da Europa.

Seja como for, Cervantes tomou a peito expor o anacronismo das ambições, sonhos e feitos dos valentões de couraça e espada num mundo dominado e transformado pela pólvora e pelo canhão. Chegara ao fim a era dos Rolando e dos Amadis de Gaula. O sucesso de “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha”, aparecido em janeiro de 1605, foi imediato. Por toda a Espanha ouviu-se uma sonora gargalhada. Por uma destas ironias da vida foi justamente o desastre da Espanha que ajudou a projetar as letras castelhanas para a fama universal.

O Cavaleiro da Triste Figura, de miolo furado, trotando um pangaré, tendo uma bacia de barbeiro como elmo e uma velha lança como arma, acompanhado de Sancho Pança, o gorducho escudeiro montado no seu burrico, metidos os dois em impagáveis confusões para socorrer os afligidos e endireitar as coisas do mundo, incendiou a imaginação de todos. A dupla – o louco e o simplório - foi um dos maiores achados das letras em todos os tempos: cômica e enternecedora. Agora Madri prepara-lhes festejos. Arrolaram 400 atividades, no decorrer do ano de 2005, para celebrar o 4º centenário da primeira edição da gráfica da rua Atocha. Contam-se nos dedos, no planeta inteiro, os autores que corridos quatro séculos podem ser lembrados como Cervantes. Glória da Espanha, orgulho da humanidade.

V - Dom Quixote e Bolívar, a solidão do herói

É uma idéia de Miguel de Unamuno, o filósofo espanhol, que Dom Quixote, o imortal personagem da novela de Miguel de Cervantes, teria renunciado o destino final, solitário e triste, de todos os cavaleiros andantes do mundo hispânico, não escapando da desdita nem homens como o venezuelano Simón Bolívar, o Libertador, o uruguaio Gervasio Artigas ou o argentino San Martín, que morreram abandonados por todos, indo ou já estando no exílio. Aliás, o próprio Bolívar admitiu certa vez que Jesus Cristo, Dom Quixote e ele, Bolívar, eram os maiores ingênuos da história.

Entre os cavaleiros do céu

“Entre os pecados que os homens cometem, ainda que afirmam alguns que o maior de todos é a soberba, sustento eu que é a ingratidão, baseando-se no que se costuma dizer, que de mal-agradecidos está o inferno cheio”.

Cervantes – Dom Quixote de La Mancha, cap. LVIII.

Ao encontrar pela estrada de Saragoça um pequeno conjunto de relicários, reduzidas estátuas de santos guerreiros, Dom Quixote, desmontando de Rocinante, mostrou-os a Sancho Pança para que ele conhecesse a nobreza daqueles milicianos dos céus. Entre outros, ali estava o bravo São Jorge que abatera o dragão e, ao seu lado, um Dom São Diogo mata-mouros que, como o nome bem dizia, deitara fama mandando os infiéis a espadaços para o além. Grandes cavaleiros, disse Dom Quixote, gente que conseguiu um lugar junto aos espaços celestes graças à força do braço e da valentia.

Lamentou então que o destino dele era outro. Por ser cavaleiro terreno, encarregado de reparar as injúrias e os agravos cometidos aqui na terra, quase ninguém o conhecia. Nada sabiam da sua temeridade e das suas façanhas de justiceiro destemido, um valente capaz de enfrentar os encantamentos com peito aberto, hábil em escapar de todas as armadilhas dos bruxos e dos enfeitadores a serviço do mal.

Nem bem discursava enfático para Sancho, quando uma partida de touros de Jarama, vindos em marcha pela estrada, ignorando a presença do Cavaleiro da Triste Figura, simplesmente o atropelara. Desconsolado, tirando o pó de sobre a armadura amassada, disse a Sancho que afinal “nascera para viver morrendo”. Quando ele esperava palmas e hurras de triunfo pelas coisas extraordinárias que fizera, eis que quase acabara seus dias esmagado pelas patas da tourama.

As amarguras finais de Bolívar

Foi esse quadro marcado pela decepção do herói de Cervantes que fez com que Miguel de Unamuno, num ensaio famoso (*Don Quijote y Bolívar*, 1931), comparasse o destino do Cavaleiro da Mancha com o de Simón Bolívar, o Libertador. Tal como o fidalgo manchego, Bolívar depois de travar umas 80 batalhas pela liberação da América do Sul, só colheu desgraças junto aos seus. Ele, que até a natureza enfrentara depois de um terremoto (“*Se a natureza se opõe a nós, lutaremos contra ela e faremos com que ela nos obedeça*”), o estadista que fundara a república da Grã-Colômbia, o líder que ambicionava juntar todo o continente num colosso político só, num repente, por injunções da política, vira-se sem nada, sem saúde, sem poder e sem fortuna.

Por todos os lados, logo que os espanhóis foram batidos na batalha final de Ayacucho, no Peru, em dezembro de 1824, o que campeou nas terras recém libertadas da América Hispânica foi a traição e as cruas rivalidades caudilhescas. Cada um dos seus generais, transformados em caudilhos, quis um país para si. Como ele era o símbolo mor de um projeto unitário, viram-no como um inconveniente, um trambolho sem uso a ser despachado para a Europa. A suprema amargura dele, de Bolívar, foi ter sido considerado proscrito, um fora-da-lei, pela Assembléia Nacional do seu país natal, a Venezuela, a quem ele emancipara em 1811.

Enquanto Dom Quixote arrastava as suas magras carnes para ir morrer no anonimato na sua fazendola em La Mancha, Simón Bolívar, despido de tudo, retirando-se com o corpo devastado pela tísica, seguiu a corrente do rio Magdalena para ir morrer próximo ao porto de Cartagena. Não lhe saía da memória que, ao partir de Bogotá, na Colômbia, quando renunciara a tudo, um bando de desqualificados gritava para ele “*Longanizo! Longanizo!*” – como chamavam um louco da cidade que perambulava pelas ruas fardado de general.

Um fim solitário

Antes de ele vir a falecer com os pulmões devastados, em 17 de dezembro de 1830, um amigo ainda consolou-o dizendo-lhe que o seu nome havia sido usado pelos revolucionários de Paris quando, uns meses antes, ao assaltarem o Hotel de Ville, bradavam versos inspirados nele: *Le feu sacré des republiques jaillit autour de Bolívar/ Les rochers des deux Amériques/Des peuples sont les boulevards* (*).

Entrementes, a Grande República Americana que ele imaginara unida esvaiu-se em tiroteios, devorada por ambições paroquianas e despotismos sem fim dos caudilhos locais. Destino tão ingrato quanto o dele, tiveram os outros cavaleiros andantes da liberdade americana como San Martín, falecido na França, e Artigas, abrigado por favor no Paraguai do Doutor Francia. De certo modo, cada um deles, dos Libertadores, terminou por cumprir com o melancólico destino do Cavaleiro da Triste Figura, como se a literatura, a ficção, determinasse a história do porvir.

(*) *“O fogo sagrado dos republicanos fulgura ao redor de Bolívar/ Rochedo das duas Américas/ Do povo são as avenidas”*

VI - Dom Quixote e Hamlet

“O mundo está fora dos eixos. Oh! Maldita sorte!... Por que nasci para colocá-lo em ordem!...”

(Hamlet, I, V)

“... é o meu ofício e exercício andar pelo mundo endireitando tortos, e desfazendo agravos”

(D.Quixote, XIX)

A data de 23 de abril é internacionalmente celebrada como o dia em que faleceram dois gênios da literatura, o dramaturgo inglês William Shakespeare e o escritor espanhol Miguel de Cervantes, ambos mortos no ano de 1616. Curiosamente, as duas obras-primas que a prodigiosa imaginação deles criou, “Hamlet” e “Dom Quixote de la Mancha”, também iniciaram a ser escritas por volta da mesma época, isto é, pelos começos de 1600.

Um deles viveu nas frias terras do norte, no tenebroso Castelo de Elsenor na Dinamarca, onde o mar aliado ao vento implacável chicoteava a costa. O outro vinha de uma região de securas, de sol inclemente e chão pedregoso, a velha Mancha de Castela, terra perdida de Deus, avara em comida e em quefazeres. O príncipe **Hamlet** da Dinamarca e o cavaleiro **Dom Quixote de La Mancha**, personagens respectivamente de Shakespeare e de Cervantes, foram os dois grandes ícones literários do homem ocidental nestes últimos quatro séculos.

O primeiro por vingança, o segundo sem agravo pessoal algum, decidiram-se a sair das suas vidinhas para consertar as coisas que fugiram da atenção de Deus.

O drama do Príncipe Hamlet

Para Hamlet a existência tornara-se insuportável desde que o espectro do seu pai recentemente morto apareceu-lhe numa noite assombrada no alto da torre do castelo. O fantasma, tétrico, reclamava desforra. Contou ao filho que um crime ignominioso o vitimara. Seu próprio irmão, o rei Cláudio, o matara.

Atordoou-se o príncipe. Seu lar abrigava a traição e a maldade! A serpente acoitara-se na sua própria família. O mundo era injusto. O assassino, seu tio, não só usurpara o trono como arrastara sua mãe, a rainha Gertrudes, para um casamento feito às pressas, onde, suprema ignomia, serviram-se “os manjares” que, um pouco antes, “ainda mal esfriados”, tinham sido oferecidos “na refeição fúnebre”. Algo deveria ser feito.

Faltava, porém, a Hamlet, o talento para a ação. O máximo que conseguiu de imediato, além de aferrar-se ao luto e ao mau humor, foi entregar-se especulativamente à vingança.

O Cavaleiro da Triste Figura

D. Quixote de la Mancha, por sua vez, um nobre provinciano madurão e solitário, deixando-se assanhar pelas leituras que fizera foi levado à loucura. Os relatos das amalucadas e absurdas aventuras dos cavaleiros andantes o estimularam a erguer-se da cama e do anonimato, lançando-o na ação. Enquanto o pensamento paralisava Hamlet, o fidalgo manchego, ao contrário, ativava-se em todas as confusões possíveis e imagináveis. Ambos acreditavam, em graus diversos, em encantamentos, em feitiços, em aparições de fadas e predições de adivinhos. Como também que, muitas vezes, os destinos humanos regulavam-se por humores sobrenaturais. Um viu gigantes onde giravam moinhos, o outro se impressionou com fantasma do pai que teria lhe aparecido no alto da torre do castelo de Elsinor.

O que unia os dois, diferentes em tudo o mais, era a idéia de fazer justiça num mundo tão falto dela.

Ambos, o príncipe e o cavaleiro, Hamlet e Dom Quixote, surgiram na imaginação de Shakespeare e de Cervantes quase que simultaneamente, acredita-se que nos arredores de 1600. Uns anos antes, em 1588, enquanto Cervantes, um modesto funcionário real de mão aleijada, saía a campo na

Espanha para arrecadar mantimentos para prover a *Invencível Armada* - a poderosa frota com que Filipe II pretendia invadir o Reino da Inglaterra -, Shakespeare, em Londres, ator iniciante e teatrólogo, preparava-se para a defesa da pátria produzindo uma série de peças históricas enaltecendo a belicosidade dos reis medievais ingleses - feros guerreiros – visando a endurecer o coração do povo para os dias amargos que viriam.



Shakespeare e Cervantes, em lados opostos no desastre da Armada espanhola.

Hamlet e Dom Quixote

Num ensaio escrito em 1860, o grande contista russo Ivan Turgueniev viu-os, *Hamlet* e *D. Quixote*, como símbolos sociais antagônicos. O príncipe, indeciso e vacilante, preso às “pálidas sombras do pensamento”, lembrava-lhe o patriciado liberal do seu país, da Rússia, enquanto que o ativíssimo espanhol, “graças a sua superioridade moral” que o colocava muito acima do outro, recordava-lhe os revolucionários de 1848, gente que não conhecia limites na sua coragem de desesperados.

Que fossem! Mas também nada nos impede de entender a história desses famosos dois loucos, narradas uma na língua bárbara, a outra na latina, como um recado implícito deixado pelo bardo inglês e pelo sofrido escriba castelhano que, para endireitar as coisas do mundo é preciso ser-se um tanto maluco. Alguém provido com uma boa dose de desatino. Seja como for o príncipe vingador e o cavaleiro justiceiro tornaram-se as figuras mais emblemáticas da literatura ocidental nestes últimos 400 anos.

Bibliografia

BENNASSAR, Bartolomé – *Historia de los Españoles*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1989, 2 v.

BORGES, Jorge Luis – *Parábola de Cervantes y de Quijote*, in *Prosa Completa*. Barcelona: Editorial Bruguera, 1980, 2 v.

CASTRO, Américo – *El pensamiento de Cervantes*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1987.

CERVANTES, Miguel – *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Editora Abril, 1978.

ELLIOTT, J.H. – *La España Imperial: 1469-1716*. Barcelona: Editorial Vicens-Vives, 1972.

GASSET, José Ortega y – *Meditações do Quixote*. São Paulo: Livro Ibero-Americano Ltda., 1967.

JEANMAIRE, Federico- *Una lectura del Quijote*. Buenos Aires: Seix-Barral, 2004.

KAMEN, Henry – *El Siglo de Hierro*. Madri: Editorial Alianza, 1977.

KAMEN, Henry – *Felipe II*. São Paulo- Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

KÖHLER, Erich – *L'aventure chevaleresque: Ideal et réalité dans roman courtois*. Paris: Éditions Gallimard, 1974.

LEONARD, Irving A. – *Books of the brave*. Berkeley: University of California Press, 1992.

MARTINS, Oliveira – *História da Civilização Ibérica*. Lisboa: Guimarães & Cia. Editores, 1972.

HORTAS, Antonio Dominguez – *El Antiguo Regimen: Los Reyes Católicos y los Austrias*, in *Historia de España Alfaguara III*. Madri: Alianza Editorial, 1977.

UNAMUNO, Miguel de – *La vida de Don Quijote y Sancho* Madri: Ediciones Catedra, 1998.